

## Shakespeare é homenageado no lançamento do Anuário da Justiça



O evento de

lançamento da 10ª edição do **Anuário da Justiça Brasil**, no Salão Branco do Supremo Tribunal Federal, terça-feira (26/4) deu oportunidade a duas homenagens seculares: os 800 anos da Magna Carta da Inglaterra e os 400 anos da morte do dramaturgo William Shakespeare. Como disse o embaixador do Reino Unido Alex Ellis, na oportunidade, tanto a Magna Carta quanto William Shakespeare tem suas origens em terras britânicas, mas são patrimônio universal.

Em homenagem à Magna Carta, tida como a primeira constituição da história da humanidade, foi inaugurada a exposição *1215: Magna Carta Libertatum – 1824: A Primeira Constituição Brasileira*, promovida pela FAAP, Fundação Armando Alvares penteado, e pela embaixada do Reino Unido. A mostra também marca os quase 200 anos da peça legislativa que introduziu o Brasil no universo constitucionalista

Já Shakespeare, lembrado em todas os pronunciamentos da noite, ganhou uma homenagem especial com a récita de um trecho da peça *Medida por Medida*, escrita em 1603: “A peça gira toda em torno dos conceitos de justiça e corrupção, equidade e abuso do poder, castidade e volúpia, ou seja, de sentimentos conflitantes que não raro ocorrem num mesmo personagem”.

Na cena, recitada pelos atores Oswaldo Mendes e Mika Lins, o juiz Ângelo que condenou Cláudio à morte, negocia com Isabela, a irmã do condenado: seu irmão será condenado a não ser que a donzela ofereça em troca a própria virgindade.

Oswaldo Mendes e Mika Lins, convidados pela **ConJur** para interpretar o juiz e a donzela, são atores com larga trajetória nos palcos e grande conhecimento da obra de Shakespeare. Mika Lins é a diretora artística da série de vídeos online produzida pela [TV Folha](#) com dramatização de obras de Shakespeare. E Oswaldo Mendes participa como ator da série. Mendes, que também é jornalista, foi diretor do jornal *Última Hora*, de São Paulo e editor do suplemento de cultura Folhetim, da *Folha de S. Paulo*. Além de



---

ator, é diretor e autor teatral e foi um dos fundadores da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).

**Leia o trecho recitado da peça *Medida por Medida*:**

***Cena IV***

*Um quarto em casa de Ângelo. Entra Ângelo.*

*ÂNGELO — Quando quero pensar em qualquer coisa ao rezar, faço-o sempre distraído; sobem ao céu palavras desconexas, ao passo que a memória, surda à língua, ancora em Isabela. Tenho o nome do céu na boca, como se o mascasse sem parar, e no peito o avassalante veneno de meus planos. Até agora fiz do Estado o meu livro — belo livro! — que à força de ser lido já se torna monótono e tedioso. Este meu cargo, de que tanto me orgulho — que não me ouça ninguém! — eu o trocara com vantagem por uma pluma ociosa, que vagueasse tocada pelo vento! Ó posição! Quantas vezes apenas com teu hábito fazes tremer os tolos e acorrentas em tua falsa aparência os próprios sábios! Sangue, tu és sempre sangue; se a divisa “Anjo bom” nós gravássemos no chifre do demônio, de nada lhe servira. (Entra um criado.) Que é que há? Quem está aí?*

*CRIADO — A irmã Isabela, que deseja falar-vos.*

*ÂNGELO — Faze-a entrar (Sai o criado.) Oh céus! Por que me aflui ao coração o sangue deixando-o quase morto e, ao mesmo tempo, privando os demais órgãos de seus meios de ação? É assim que faz a multidão sem tino com alguém que desmaia; correm todos em seu auxílio e o privam justamente do ar de que mais precisa. O mesmo fazem os súditos de um rei estremecido: saem dos seus lugares e com mostras de amizade obsequiosa, junto dele de tal modo se postam, que sua estúpida afeição grande incômodo lhe causa. (Entra Isabel.) Então, bela menina?*

*ISABELA — Vim para ouvir a vossa decisão.*

*ÂNGELO — Quisera que a soubésseis, omitindo essa pergunta. Cláudio vai morrer.*

*ISABELA — Está bem; que o céu guarde Vossa Honra.*

*ÂNGELO — Poderia viver — quem sabe? — tanto quanto eu ou vós. No entanto, é necessário que morra.*

*ISABELA — Porque vós o sentenciastes?*

*ÂNGELO — Sim.*

*ISABELA — Dizei-me, por obséquio, o dia exato, para que nesse prazo, longo ou curto, fique ele em condições de salvar a alma.*



ÂNGELO — *Esses vícios imundos! Fora o mesmo perdoar a quem um ser já feito rouba à Natureza, e dar de mãos às rédeas da luxúria que faz cunhar a imagem do céu, quando proibida. Uma existência legítima destruir por meios falsos, equivale a deitar metal em molde vedado para criar vida ilegítima.*

ISABELA — *Isso é certo no céu, não cá na terra.*

ÂNGELO — *Pensais assim? Pois vou já confundir-vos. Que preferis que a lei precisa e sábia a vosso irmão, agora, tire a vida, ou que, para salvá-lo, às impurezas voluptuosas o corpo abandonásseis, como a que ele manchou?*

ISABELA — *Podeis dar crédito ao que vos digo: preferira o corpo sacrificar a vir a perder a alma.*

ÂNGELO — *Não estou falando da alma; nossas faltas obrigatórias nunca são levadas em conta; valem só como parcelas.*

ISABELA — *Como dizeis?*

ÂNGELO — *Isto é, não o assevero, pois poderia defender o oposto do que afirmei. Dizei-me apenas isto: Eu, sendo agora a voz da lei escrita, pronuncio sentença contra a vida de vosso irmão. Não se concebe que haja caridade na falta cometida para salvar-lhe a vida?*

ISABELA — *Fazei isso; chamo sobre minha alma a culpa toda; não é pecado algum, é caridade.*

ÂNGELO — *Se o salvásseis com risco da própria alma, a caridade e a falta ficariam bem compensadas.*

ISABELA — *Se é pecado pela vida dele impetrar, que o céu me faça carga de toda a culpa. Se pecardes por me atender, então, nas minhas preces matinais pedirei que esse pecado seja incluído nos meus, não vos ficando nada a ser computado.*

ÂNGELO — *Mas ouvi-me, pois não me acompanhais o pensamento; ou ignorante sois, ou, por astúcia ignorância fingis, e é mau fazê-lo.*

ISABELA — *Bem, que eu seja ignorante e apenas boa para reconhecer minhas fraquezas.*

ÂNGELO — *Quando a sabedoria se deprime, é por querer que o brilho próprio aumente, como as máscaras pretas que proclamam dez vezes mais valiosa a formosura velada, do que quando descoberta. Mas prestai atenção; para fazer-me compreender vou falar com mais rudeza: vosso irmão vai morrer.*

ISABELA — *Bem.*

ÂNGELO — *E seu delito é tal, como parece, que se encontra passível do castigo previsto pela lei.*

ISABELA — *Certo.*

ÂNGELO — *Admiti que não haja Outro recurso para salvar-lhe a vida — não inculco semelhante medida ou qualquer outra; falo em termos gerais — a não ser este: que vós, sua própria irmã, vos encontrásseis requestada de alguém que, por motivo de sua posição, tivesse influência junto do juiz, e a vosso irmão pudesse libertar facilmente das algemas da lei que envolve a todos, e que meio terreno não*



---

*houvesse de salvá-lo, exceto o de entregardes a mais rica jóia do vosso corpo a essa pessoa. Sem isso, fatal fora a morte dele. Que faríeis?*

*ISABELA — Por meu irmão, o que por mim faria. Se eu me sentisse acaso na iminência de morrer, aceitara como sendo rubis as marcas todas do chicote, e me despira para entrar na tumba como em um leito há muito cobiçado sem consentir que o corpo me poluíssem.*

*ÂNGELO — Sendo assim, vosso irmão deve morrer.*

*ISABELA — É o meio mais barato, pois é melhor que o irmão morra de um lance, do que ficar morrendo eternamente a irmã, para salvá-lo.*

*ÂNGELO — Não seríeis, assim, tão cruel como essa sentença que acusais?*

*ISABELA — Resgate ignominioso e perdão livre são coisas diferentes; a demência legítima não tem afinidades com a redenção infame.*

*ÂNGELO — Há alguns momentos, da lei fazíeis um tirano, vendo no ato de vosso irmão mais um desporto do que mesmo uma culpa.*

*ISABELA — Oh, perdoai-me, senhor! Sucede às vezes que quem quer algo esconde o pensamento. Atenuo o que odeio, em benefício da pessoa a que amo ternamente.*

*ÂNGELO — Nós todos somos frágeis.*

*ISABELA — Pois que morra meu irmão se ele, apenas, sem ter cúmplice, for dono e herdeiro dessa tua fraqueza.*

*ÂNGELO — As mulheres são frágeis como os homens.*

*ISABELA — Sim, como seus espelhos, que tão pronto refletem formas, como se espedaçam. Oh, as mulheres! Deus as guarde! Os homens, delas se aproveitando, estragam tudo quanto eles mesmos criaram. Sim, chamais-nos dez vezes frágeis, porque somos brandas como a cute que temos e sensíveis às falsas impressões.*

*ÂNGELO — De grado o creio. Firmado, então, no próprio testemunho do vosso sexo — pois só somos fortes, penso, ao ponto de sermos abalados pelos deslizos — vou ser corajoso: pego-vos na palavra; sede apenas o que sois, a saber: mulher. Se fordes mais, não sereis nenhuma. Mas se o sois, como vosso exterior assaz o indica, demonstrei-o nesta hora, revestindo-vos do traço competente.*

*ISABELA — Só disponho de uma língua, senhor; instante peço-vos que volteis a falar na outra linguagem.*

*ÂNGELO — Direi, pois, sem ambages, que vos amo.*



ISABELA — *Meu mano amou Julieta, e me dissestes que por isso ele morre.*

ÂNGELO — *Não morrerá, Isabel, se amor me derdes.*

ISABELA — *Sei que vossa virtude o privilégio goza de uma licença com que feia se torna, só com o fim de a outros tentar.*

ÂNGELO — *Palavra de honra, crede-me: o que digo é todo o meu intento.*

ISABELA — *Ah! essa honra é pequena em demasia para ser crida. E o intento, mais que infame! Hipocrisia tudo, hipocrisia! Cuidado, Ângelo! Vou desmascarar-te! Vais assinar-me logo a liberdade de meu irmão, se não, com toda a força dos pulmões vou gritar por esse mundo que espécie de homem tu és.*

ÂNGELO — *Quem dará crédito ao que disseres, Isabel? Meu nome sem mácula, a austeridade do meu modo de viver, a formal contestação a quanto asseverardes, e meu posto dentro do Estado, tanto a vossas queixas não de prevalecer que heis de asfixiar-vos em vosso próprio conto, só restando de tudo, ao fim, um cheiro de calúnia. Mas já que principiei, vou soltar rédeas ao instinto sensual: consente logo no que requer o meu desejo ardente, pára com essas sutilezas, esses rubores dispensáveis, que só servem para banir o que eles ambicionam; resgata o irmão, cedendo aos meus desejos o corpo; do contrário, não somente vai morrer ele a morte cominada e, ante a recusa tua, ora acrescida de morosa agonia. Amanhã traze-me a resposta; se não, por esta mesma paixão que me domina, eu me transformo para ele num tirano. Quanto a vossas verdades, espalhai-as, que com a minha falsidade irei dar-lhes morte asinha. (Sai.)*

ISABELA — *A quem me queixarei? Quem há de crer-me, quando eu contar tudo isto? Oh bocas cheias de perigos, que, com uma língua apenas, tanto podem matar como dar vida, dobrando a lei com tais e tais caprichos, que o justo e o injusto espetam no apetite que os maneja à vontade! Vou ver Cláudio; conquanto a instigação do sangue o tenha feito cair, abriga tal espírito de honra, que se possuísse dez cabeças para estender nos cepos sanguinosos, sacrificá-las-ia antes que o corpo sua irmã abandonasse a tão abjeta profanação. Morre, irmão! Isabel, sê sempre pura! Os irmãos passam, a pureza dura. Mas vou contar-lhe o que Ângelo me disse para que a morte aceite com ledice. (Sai.)*

## **Date Created**

28/04/2016